

DO ORÁCULO AO DESTINO - FREUD E MORENO
Co-incidências fabulosas em suas vidas

AUTORES

Ailton José Scavassa ¹

Laurice Levy ²

¹ Scavassa, A J. - Médico, psicoterapeuta - IPPGM

² Levy, L. - Psicanalista.- SPRJ , ligada à IPA, mestre em Psicologia Clínica - PUC/RJ, Terapeuta Familiar e Supervisora pela Núcleo Pesquisa - RJ , Diretora-Adjunta da ATF - RJ (Associação de Terapia de Familiar do Rio de Janeiro) Psicodramatista e professora de terapia familiar pelo Delphos Espaço Psico-Social / RJ

DO ORÁCULO AO DESTINO - FREUD E MORENO ³
Co-incidências fabulosas em suas vidas

SINOPSE

Como é público e notório que tanto Freud quanto Moreno foram gênios extremamente produtivos, decidimos investigar as suas biografias para tentar entender sua criatividade. Neste entrecruzamento, foi possível dedectar várias co-incidências que permitem levantar algumas hipóteses.

ABSTRACT

As we all know that both Freud and Moreno were genius, we decide to investigate theirs biography in order to understand theirs criativeness. Such task of work made it possible to us to find out many co-incidences that led us to come into many questions.

UNITERMOS

Psicanálise, Psicodrama, Mãe, Religião, Co-incidência, Oráculo.

³ Trabalho a ser apresentado no II Congresso Ibero-Americano de Psicodrama. Águas de São Pedro, 21 a 25 de abril de 1999.

UNITERMS

Psychoanalysis, Psychodrama, Mother, Religion, Coincidences, Oracle.

I - INTRODUÇÃO

“Agrada-me apreender a espessa tessitura de fios encadeados que o acaso e o destino teceram em torno de todos nós” (5, p 41) ⁴

A nós, os autores deste texto, encanta-nos poder entrecruzar a vida destes dois “*deuses*” e poder descobrir um fio invisível que os une: o amor das próprias mães, as profecias das ciganas e o destino glorioso que traçaram.

Moreno criou e desenvolveu a idéia do HOMEM ESPONTÂNEO que existe dentro de todos nós. Consequentemente, o psicodrama, com as suas técnicas de inversão de papéis, duplo, solilóquio entre outras, ajudaria o homem preso em amarras (que ele denominou de conservas culturais) a se libertar vivendo o seu potencial criativo em toda a sua pujança.

⁴ Palavras de Freud aos 16 anos.

Trabalhando na clínica, vemos todos os dias mudanças significativas em nossos pacientes. Acreditamos realmente que as pessoas podem desenvolver e desabrochar trazendo à tona sua espontaneidade reprimida através da psicoterapia. Entretanto, o que nós gostaríamos de pesquisar neste trabalho é o que torna **um homem mais criativo que os outros**, independentemente de um posterior trabalho psicoterápico, seja ele qual for: *psicanalítico, psicodramático ou qualquer que seja a visada terapêutica*.

II - PARA VERMOS CO-INCIDÊNCIAS

O que faremos agora é uma viagem através do tunel do tempo e ir um pouco aquém do momento em que um ser humano procura ajuda psicoterápica, enveredando pela infância de dois Gênios incontestáveis: Freud e Moreno.

Apesar de Freud ter dificultado de todas as formas o trabalho dos biógrafos, nós acreditamos como Marineau:

“Que Moreno não pode ser entendido se não compreendermos sua relação tanto com os pais quanto com Deus” (12, p. 31).

Evidentemente, isto se aplica também a Freud, ou a qualquer ser humano.

No entanto, sendo psicoterapeutas com influências tanto da psicanálise quanto do psicodrama, limitaremos o nosso estudo

a estes dois grandes expoentes de nosso século que ora termina.

Foi surpreendente e gratificante encontrar coincidências em suas vivências, apesar de aparentemente serem os dois homens tão diferentes entre si, como pensamos frequentemente.

Suas histórias de vida podem nos auxiliar a levantar algumas hipóteses sobre o surgimento de **suas** espontaneidade, criatividade, curiosidade, sede de saber e necessidade imperiosa de alcançar fama e sucesso.

Estas características poderiam, à primeira vista, dar a impressão de serem “*inatas*” e/ou “*espontâneas*” neles, já que sabemos que *nenhum dos dois* se submeteu a um trabalho psicoterápico.

Apesar de Freud achar que a psicanálise servia para tratar a *humanidade inteira*, ele próprio nunca poderia ter aceito ajuda ⁵ (13). *Afinal antes dele não havia nenhum Freud para tratá-lo.*

Quanto a Moreno, ele desconhecia qualquer experiência psicodramática freudiana (22) e a terapia em voga era a *psicanálise* que ele abominava, como sendo um exemplo de anti-espontaneidade. É claro que ele não poderia procurar

⁵ Mesmo que Ferenczi, reputado como o melhor clínico que havia na época (antes de ser execrado pela comunidade psicanalítica, evidentemente) ter se oferecido várias vezes para analisá-lo.

ajuda, afinal quem estava no auge na ocasião era *apenas um simples Freud*.

Vemos aqui um certo pensamento onipotente nos dois Mestres e que na verdade achavam-se melhores que todos os outros. Podemos entender que isto vinha de uma inabalável convicção de que tinham uma “missão a cumprir” no mundo. Certamente, eles não eram psicóticos, nem tampouco estavam fora da realidade. Tanto que suas crenças se confirmaram.

Um exemplo disto, é que ao fazer 50 anos, Freud ganhou de seus admiradores um medalhão que tinha o seu perfil de um lado e o de Édipo (decifrando a esfinge) de outro. Diziam: “*ele advinhou o famoso enigma e foi um homem extremamente poderoso*” (5, p. 153). Ao receber o presente, Freud ficou absolutamente estarecido “*era como se tivesse visto um fantasma*” (5, p. 153). O motivo deste susto é que este era um sonho que ele acalentava desde dos tempos de estudante universitário quando sonhava ter um dia um busto com estas mesmas palavras...

Neste sentido, podemos dizer então que a onipotência nestes dois casos, pelo menos, foi positiva pois os ajudou a criarem os legados fundamentais que eles deixaram para a humanidade.

Vejamos, agora, como foi que eles adquiriram esta certeza de serem pessoas especiais. É de grande importância, a nosso ver, descobrir que estes dois “*deuses*” tiveram infâncias muito semelhantes em vários pontos e principalmente no que

diz respeito ao *desejo-amor de suas respectivas mães, e também por previsões oraculares de ciganas.*

À primeira vista patenteia-se que Freud e Moreno provieram de famílias judias e que consolidam seu amadurecimento psicológico em Viena. Porém, uma análise mais cuidadosa nos leva a perceber outras semelhanças. Senão vejamos:

Freud nasceu em 6 de maio de 1856 (*no ano de nascimento do pai de Moreno*) em Freiberg, Morávia. Seu bisavô e avô eram rabinos. Ele veio do segundo casamento de seu pai, então com quarenta anos e que já era avô, com uma jovem de 20 anos. Sigmund foi o primogênito do casal no ano seguinte ao casamento. Depois dele foram *gerados cinco meninas e dois meninos.*

Curiosamente, também havia uma grande diferença de idade entre o pai e a mãe de Moreno. O pai tinha trinta e dois anos e a mãe 14 anos. Moreno também foi o filho mais velho de uma grande família: *três irmãs e dois irmãos.*

Podemos observar muito claramente, pela sequência de vida de Moreno, que na sua família a partir do dia que uma cigana profetizou que ele seria um grande homem e *“que chegará gente de todo o mundo para vê-lo e que será um homem sábio e bondoso .”* (12, p. 29), todos em casa passaram a lhe deferir um tratamento condizente com esta profetização. Ele tinha um ano de idade, na ocasião, e conta a história que

foi a partir dos conselhos da cigana que ele se recuperou do raquitismo que o acometia.

Quanto a Freud, sabemos que :

“Ele nasceu em um âmnio, o que foi considerado fato que lhe garantia felicidade e fama futuras. Quando certo dia, uma senhora, que a jovem mãe encontrou casualmente em uma confeitaria, reforçou a suposição, informando-lhe que ela tinha dado ao mundo um grande homem, a mãe orgulhosa e feliz acreditou firmemente na predição. Assim, o traje de herói começou a ser tecido no próprio berço” (7, p. 18). Além do que Freud sempre foi o preferido da mãe.

*“Para um jovem visitante, era estranho ouvi-la referir-se ao grande Mestre como o “**mein goldener Sigi**” (destaque no original) e evidentemente havia em tudo uma grande ligação entre os dois” (7, p. 17) . “Esta configuração foi, evidentemente assegurada pelo amor e até mesmo pela adoração que a mãe lhe devotava” (7 p. 26).*

É fácil perceber que Moreno **também sempre foi o preferido da mãe**. Marineau explanando sobre a mãe de Jacob Levy disse:

“O primeiro filho de Paulina seria seu preferido. Além de ser o mais velho, o fato de estar frequentemente só com ele, nos primeiros meses, com certeza contribuiu para criar um laço muito especial”(12, p. 27).

Vejamos agora quais eram os sonhos destes dois *predestinados AO SUCESSO*.

Freud dizia que sua missão era *“perturbar o sono da humanidade”* (5, p. 14). E Moreno, sabemos, se dizia o próprio Deus. Como é de conhecimento de todos desnecessário seria relatar todas as implicações que este fato trouxe à baila. No entanto, nos parece interessante ressaltar mais uma vez, a visão que Moreno teve aos 14 anos:

“Parado ali, diante de Cristo, em Chemnitz, comecei a acreditar que eu era uma pessoa extraordinária, que eu estava no planeta para cumprir uma extraordinária missão” (12, p. 37).

e o início das *Palavras do Pai* : *“Eu sou Deus, o Pai criador do universo...”* (12, p. 74).

É claro que por trás destas *“Palavras do Pai”* estão todas as implicações do relacionamento de Moreno com seu pai. O pai do psicodrama teve uma necessidade suplementar de ser o próprio pai, dado à constante ausência daquele pai na vida real de Moreno.

É interessante perceber que, no caso de Freud, o sucesso não foi nem fácil, nem rápido. Foi somente aos 44 anos que ele escreve seu livro mais importante a *“Interpretação dos Sonhos”*, que não alcançou nenhum sucesso inicialmente. Aos 50 anos, ele começa a ser reconhecido como *“... o explorador do inconsciente. Um gigante entre os mortais”* (5, p. 154). E, no entanto, ele nunca esmoreceu. Numa carta à sua noiva, Freud se pergunta se ele deve dedicar o seu coração a coisas tão pequenas (referindo-se ao trabalho que realizava na época). Ele próprio responde na mesma carta: *“Sim, e sem receios, enquanto um grande destino não bater à nossa pacífica porta”* (5, p. 54).

Claro que sabemos hoje, que o sucesso não bateu à sua porta que nem era tão pacífica assim... Na verdade, ele procurou arduamente pela notoriedade. A sua imaginação sempre voava para o seu “grande destino” e ele se achava melhor que seus professores, como Nothnagel⁶, com quem teve uma rixa mais discreta pois dizia que *“... se sentia muito superior a ele”* (5, 55), e com ninguém menos que Theodor Meynert, famoso psiquiatra e anatomista cerebral, com quem teve uma discordância pública (5).

Moreno, por seu lado, que sempre tivera o papel de liderança em sua vida⁷ se rebelou contra ninguém menos que o próprio Freud, então com 56 ou 58 anos e no auge de sua notoriedade

⁶ Hermann Nothnagel, médico famoso que mereceu a cátedra de medicina de doenças internas., no hospital Geral de Viena.

⁷ *“Funcionou até mesmo como “para-raios” entre o professor e a classe rebelde, para defender o estudante, comparativamente sem força, contra o professor”.* (12, p. 42).

⁸. Ele teve coragem e ousou desafiar o próprio Mestre Freud que já era famoso nacional e internacionalmente.

Marineau nos lembra :

“... que Moreno era um aluno nada ortodoxo, que tentava se firmar como um novo profeta e salvador” (12, p. 44).

Além do que, em um trabalho que apresentamos (11, p. 4), chegamos à conclusão que esta rixa teórica seria também, uma “incongruência” segundo os próprios termos usados pela sociometria criada por Moreno. Afinal, segundo Dias Reis (20)

“as relações télicas , do ponto de vista da percepção seriam configuradas pelas mutualidades. As relações transferenciais pelas incongruências” (o grifo é nosso).

Marineau vai mais além, mostrando este caráter *transferencial- incongruente* nesta “rixa-teórica” de Moreno/Freud (de mão única, diga-se de passagem) , ele diz:

“por não ter tido espaço para desenvolver suas próprias idéias, e certamente, teve inveja de Freud, tanto quanto Jacó na Bíblia invejava seu irmão gêmeo nascido primeiro” (12, p. 45)

⁸ A “*Interpretação dos Sonhos*” estava em sua quarta edição

Moreno que tentava se projetar, não suportava ver Freud ser encarado como “*um novo Moises descendo com as novas tábuas da lei*” (12, p. 44) .

A este respeito, o próprio Moreno relata em sua autobiografia que via Freud como o rei de um amplo território e a si mesmo como chefe de uma tribo (16) . “*Neste, sentido, diz ele, somos ambos pais*” (12, p. 44) . Moreno não teria suportado a frustração de jamais ter conseguido ter um “tête-à-tête” com Freud, a não ser, é claro naquele rápido e fugaz encontro de 1912 ou 1914, que todos conhecemos.

Na verdade isto estaria re-editando uma antiga frustração de nunca poder ter tido um confronto direto com o próprio pai. “*entretanto, haveria de combater alguns discípulos de Freud com uma energia que dá provas de um problema mais antigo, não resolvido, com outro mestre, outro pai*” (12, p. 46).

Para poder entender esta atitude de rebeldia dos dois homens frente a qualquer outro que pudesse brilhar mais do que eles próprios, não podemos esquecer que desde sempre, sob a benção das respectivas mães, eles se tornaram os poderosos chefes de um clã familiar. “*A família aceitava a dominação pueril de Freud com serenidade e alimentava seu sentimento de excepcionalidade*” (5, p. .30). E a “*mãe de Moreno reforçava a identificação de Moreno com Cristo, com a diáde Paulina/Jacob à semelhança de Maria/Jesus* (12, p.32).

Quanto a Freud, *“Era absolutamente natural que esse rapaz extremamente promissor fosse o favorito declarado da família”* (5, p. 29). Ele sempre teve um quarto só para si apesar da família não ter condições financeiras para este luxo. Só ele tinha um “escritório” . Sua irmã teve que parar com as aulas de piano só porque estava incomodando Freud (5) .

O respeito pelo desejos e sentimentos de Freud eram muito grandes. Freud relata: *“embora minha família vivesse em condições muito difíceis, meu pai insistia que, ao escolher minha profissão eu deveria seguir apenas minhas inclinações”* (5, p. 40).

A fé dos Freud em seu filho ficou patente quando o pai lhe deu uma Bíblia no seu aniversário de 35 anos, dizendo em hebraico *” Foi no sétimo ano de sua vida que o espírito de Deus começou a conduzi-lo ao saber”* (5, p. 29)

Na realidade, parece que ambos sabiam e se davam conta que este amor incondicional lhes dava uma segurança e uma auto-estima fora do comum. Ambos escreveram:

Palavras de Freud: *“Um homem que foi incontestavelmente o preferido de sua mãe, tem por toda a sua vida o sentimento de um conquistador, essa confiança no sucesso que muitas vezes ocasiona o sucesso real”* (5, p. 19).

Palavras de Moreno: *“Um filho nunca pode pagar para a sua mãe o que ela fez para ele em seus primeiros anos de*

vida...O filho nunca se lembra disso; tudo fica na memória da mãe...” (16, p. 35).

Vemos, portanto, que eles se acostumaram a comandar e a serem obedecidos em suas próprias casas. Não aprenderam a aceitar oposições. Aparentemente seus pensamentos tinham um caráter autoritário e absoluto. Por isto, talvez, Freud apesar de ser o Pai da Psicanálise, e incontestavelmente um verdadeiro gigante entre os gigantes, aquele que efetuou um corte epistemológico com a sua descoberta do inconsciente, seus detratores o acusavam de ser: “ *Um Luis XIV da psicologia*” (5, p. 16). Seu pensamento parecia ser: “*La psychanalyse c’est moi*” (5, p. 16). O acusavam também de ser um “*chefe automeado de um sólido e submisso clã de discípulos*” (5, p. 16) .

Moreno, por seu lado, além de ser o Pai da psicoterapia de grupo, do psicodrama, da sociometria e (fato desconhecido pela grande maioria) pioneiro em terapia de casal, e visão sistêmica da família, como nos diz Marineau, “*em 1908 começou a se reunir com um grupo de amigos e discípulos e criaram a “religião” centrada em criatividade, encontros e anonimato*” (12, p. 46) .

Ambos tiveram um comportamento atípico em relação à religião dos pais. A introdução, por figuras significativas para ambos, de elementos cristãos, conduziram-lhes a produzir com esta consigna de permeio. Em Moreno isto é facilmente verificável. Em Freud, há uma dissimulação voluntária, porém Pfsiter, pastor evangélico, psicanalista e seu amigo pessoal, denunciou: “*Nunca houve melhor cristão*” (7, p. 205).

Isto nos permite agora enveredar pelo questionamento: até que ponto as psicoterapias repetem o formato religioso ?

John Klauber, ex-presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise, expressou:

“Tornei-me psicanalista como um ato de fé na verdade cultuada na psicanálise e, portanto, nesse sentido limitado, a psicanálise poderia ser considerada como minha religião. Mas se tivermos que afirmar de forma defensiva sua verdade literal ou preservar todas as opiniões expressas por Freud, então chegaremos a compartilhar os mesmos atraentes aspectos de outras religiões ocidentais, uma abordagem messiânica com elementos de credo e dogma e uma tendência a fechar os olhos para fatos incômodos”(8, p. 23).

No campo psicodramático, Landini tem declarado que sua religião é o Psicodrama e Fonseca foi categórico: *“ A psicoterapia é uma versão moderna das grandes religiões do passado”* (4, p.49) .

III - IMPLICAÇÕES

Acreditamos que muitas implicações práticas e objetivas podem ser retiradas deste entrecruzamento das vidas de Freud de Moreno observando-os em vários papéis, pois apesar de se pensarem *“deuses”* eram também singelos seres

humanos, ou não ? . A não ser, é claro, que acreditemos que tudo não passa de uma simples coincidência... e portanto acreditemos apenas no poder e no valor do oráculo.

- 1) A força e importância do amor real profundo e sincero consciente ou inconsciente dos pais, e em especial da mãe, para a estruturação do sujeito . Winnicott assim discorreu

“ Embora saibamos que a doença psiconeurótica não é causada pelos pais, sabemos também que a saúde mental da criança não se pode estabelecer sem cuidado paterno ou materno suficientemente bons ” (23, p. 227).

- 2) A impossibilidade de achar que os avanços científicos, sejam eles de qualquer ordem possam se dar sem que haja uma importância decisiva da vida do autor em sua obra. O próprio Freud disse certa vez numa carta a Fliess:

” Não sou absolutamente um cientista, um observador, um experimentador, um pensador. Não sou senão um conquistador por temperamento, um aventureiro, se você quiser traduzir o termo, com toda a natureza indagadora, a ousadia e a tenacidade de um tal indivíduo ”. (5, p.14).

- 3) No que diz respeito à terapia como religião e da interferência da vida do sujeito naquilo que produz, devemos

incrustar no nosso “superego técnico psicoterapêutico” a isenção da conversão religiosa dos pacientes. Psicanálise e psicodrama tendem a se tornar posturas religiosas/visões de mundo (*weltaanhang*).

Sérvulo Figueira, Ph. D. psicanalista brasileiro, que se aproxima das formulações morenianas, assim considerou:

“O sucesso de público da psicanálise no mundo todo e particularmente no Brasil se deveu predominantemente a fatores ligados ao processo de difusão: no primeiro momento, ela se tornou uma “visão de mundo” que substituiu as religiões decadentes; entrou rapidamente em moda tornando-se assim, um desejado e às vezes compulsório objeto de consumo, sua linguagem e sua lógica de organização da experiência emocional tornou-se publicamente um sistema de orientação disponível para milhões de pessoas no enfrentamento de problemas subjetivos e familiares criados pela acelerada mudança social e cultural deste século (3, p.1).

Considerando as injunções de uma postura mais adequada na relação paciente-terapeuta, já em 1981 o próprio Figueira dizia:

“Compreendemos agora porque a psicanálise, mesmo que também o seja, não deve ser confissão: o analista não

deve ser sacerdote e o paciente não pode ser só pecador. O analista deve nada ser para que, do ponto de vista do paciente, ele possa ser tudo, e para que o próprio paciente tudo possa experimentar. O excesso de individualização do paciente preenche os vácuos deixados pelo excesso de desindividualização do analista “(2, pag. 177).

- 4) A rixa Moreno-Freud, teve implicações transferenciais muito mais poderosas do que podemos imaginar e para além da investigação científica (11) .
- 5) Como estamos revisando histórias e uma analogia com nossa prática se impõe, convém considerarmos a seguinte visão de Naffah ⁹ que é uma tentativa de abrandar parcialmente o determinismo que aparentemente nos conduziu até aqui:

“E se a terapia for fiel às propostas genealógicas, o paciente perceberá ainda que, nesse jogo de forças, de violências e de instauração de marcas não existem culpados nem inocentes, que há um descentramento total da esfera das consciências, que o jogo se dá, enfim, num outro âmbito. Que aquele pai, aquela mãe, aquela babá são, eles também objetos de marcas e violências semelhantes, eles também soltos e à mercê

⁹ Que é confirmada por toda a moderna visão da Terapia Familiar Sistêmica.

das circunstâncias e do Acaso, eles também lançados neste grande jogo de dados com os deuses que se chama História” (17, p. 47).

- 6) Para avançarmos mais um passo, transcreveremos a seguinte afirmação de Popper: *“As explicações a respeito do passado não são , de forma lógica, diferentes das previsões” (8. p. 155).*
- 7) Finalmente, acreditamos que influências transferenciais maciças, herdadas dos nossos pais ancestrais-
psicoterapêuticos, devem ser diminuídas, permitindo ganhos para terapeutas e pacientes. Numa alegoria ao que Perazzo escreveu sobre os mortos, podemos reter:

“Nossos mortos transferencialmente insepultos ora nos mantém atrelados à sua sombra, ora nos acusam ou nos impõe pesados encargos que não podemos cumprir...” (16, p. 114).

IV - CONCLUSÕES

As expectativas materna e paterna constituem expedientes de ampla influência para os filhos. Podemos ver isto sob a ótica de papéis ou transferências.

Podemos considerar que o dito popular “praga de mãe pega” confirmou-se pelo seu oposto daquele anátema no caso específico de Freud e Moreno: “benção de mãe pega” .

-*_*_*_*_*_*_*_*_*_*_

Endereços dos autores:

AILTON JOSÉ SCAVASSA
Praça de bandeira, 294
Cep: 71601380
São Paulo
Tel: (014) 442-3841
Fax : (014) 442-7304

LAURICE LEVY
Estrada da Gávea, 611. Bl. 1
Edifício Trouville, apt. 1903
Village São Conrado
Cep: 22.610.000
Rio de Janeiro
Tels/fax: (011) 322-3037
(011) 527-1933
E.mail: lorice@cybernet.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) BALINT, M. - **A falha básica.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- 2) FIGUEIRA, S. A - **O Contexto Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- 3) _____ **Notas Sobre a Situação Atual da Psicanálise.** São Paulo, impresso pelo autor, 1999.
- 4) FONSECA FILHO, J. S . **Psicodrama da loucura.** São Paulo, Ágora, 1980.
- 5) GAY, P. - **Freud, uma vida para nosso tempo.** São Paulo, Cia. Das Letras, 1997.
- 6) GREENSON, R.R. - **Investigações em psicanálise.** Rio de Janeiro, Imago, 1982.
- 7) JONES, E. - **A Vida e a Obra de Sigmund Freud, Vol. 1.** Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- 8) KLAUBER, J. **Dificuldades no Encontro Analítico.** Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- 9) LEVY, L. - **Por uma questão de Justiça.** Trabalho apresentado na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, 1993.

- 1) _____ **O Retorno do Filho Pródigo** . Monografia de conclusão de curso de formação para obtenção do título de Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - Ligada à IPA (International Psychoanalytical Association), 1995.
- 10) _____ **Atualizando a cena... de fato ou Crônica de uma Teoria Anunciada**. Trabalho apresentado no 11 Congresso Brasileiro de Psicodrama, Campos de Jordão, 1998.
- 11) MARINEAU, R. F. - **Jacob levy Moreno**. São Paulo, Ágora, 1992.
- 12) MIJOLLA, A - **Revista Internacional da História da Psicanálise** . Rio de Janeiro, Imago, 1989, vol. 2 . Trad. Laurice Levy.
- 13) MILNER, M. - **A Loucura Suprimida do Homem São**. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- 14) MORENO, J.L. - **As Palavras do Pai**. Campinas, Editorial Psy, 1992.
- 15) _____ **Autobiografia**. São Paulo, Saraiva, 1997.
- 16) NAFFAH NETO, A - **Paixões e Questões de um Terapeuta**. São Paulo, Ágora, 1989.
- 17) _____ **Psicodramatizar**. São Paulo, Ágora, 1990.
- 18) PERAZZO, S. **Descansem em Paz os Nossos Mortos Dentro de Mim**. São Paulo, Ágora, 1995.
- 19) _____ **Ainda e sempre Psicodrama**. São Paulo, Ágora, 1994.
- 20) SCAVASSA, A J. - **Transferência e Psicodrama**. Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 5, n. 2, 1997.

- 21) _____ - **A experiência psicodramática de Freud.** Trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Psicodrama. Campos do Jordão, 1998. Laureado em 3º lugar no I Concurso de Melhor Escrito Psicodramático.
- 22) WINNICOTT, D. W. - **O Ambiente e os Processos de Maturação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- 23) _____ **A família e o Desenvolvimento Individual.** São Paulo, Martins Fontes, 1993.

